Retrato Falado de Quintino Cunha

RENATO SÓLDON

Estatura mediana. Um metro sessenta e oito. Magricela. Míope. Quase cego pela miopia que lhe é congênita. Fronte alta de pensador. Cabeça bem conformada, em que repousa encaracolada cabeleira branca. Romântica. Bigodes fartos sobre labios finos. Alegre. Descontraído. Queixo pouco saliente. Face murcha. Pele clara. Sem tiques nervosos. Coragem irrefletida do herói nordestino. Sempre modestamente trajado em roupas claras. (Mas... possui um **frack** surrado para solenidades literárias).

A luz que faltava a seus olhos, iluminava sua fronte larga e alta, — o mesmo que falou Manuel de Macedo sobre o Frei Mont' Alverne.

Boêmio. Honesto. Sempre cercado de amigos e estudantes, horas sem fim. Nessas tertúlias, de quando a quando, estridulam risos. A pilhéria gostosa que brota de sua imaginação domina o ambiente.

O mesmo prazer oferece ao cuidar de Literatura. Homero, Platão, Cicero, Cervantes, Voltaire, Bossuet, Goethe, La Fontaine, Stecchetti, tantos outros gigantes lhe são familiares. E, de tais letras, ainda reluzentes na literatura universal, vale a pena ouvir-se-lhe a critica. Correntia. Fluente. Cristalina como a linfa dos regatos...

Nada diz de si mesmo, **pelo receio de praticar injustiças...**

Cigarro sempre apagado, sempre acendendo. Fisionomia que relembra, a um só tempo, o Camilo e o Eça — dois gênios que ama.

Imaginação fertil. Voz energica e bem modulada. Pronuncia exata. Memória prodigiosa. Conferencista. Causeur incansável. Poeta. Orador. Humorista — irmão gêmeo de Chamfort e de Rivarol. Defensor dos pobres e dos aflitos. Panfletário. Infinito seu amor pelas lutas do pensamento. Humanista. Tudo isso lhe é inato. Aos onze anos de idade, já revelara pendores intelectuais.

Advogado. Advogado somente da Defesa! Porque lhe agrada desbaratar acusações e amparar os deserdados.

Sentado à mesa do Café, tamborila com os dedos no chapéu de palha sobre a perna. Sempre disposto a discretear com reflexão entre os que o procuram para ouvi-lo. Ou fruir suas lições. As reivindicações populares são o adubo de sua fertilidade mental.

Na Amazônia, em contacto com a Natureza luxuriante, como que se obriga a versejar seus sentimentos em rimas que perdurarão sempre. E, entre os silvícolas, aprende a lingua tupi-guarani, da qual faz uma gramática.

No Rio de Janeiro, forma ao lado de Paula Ney, Euclides da Cunha, Aníbal Teófilo, Emílio de Meneses, Olavo Bilac, José Veríssimo.

Na Europa, anda às voltas com Guerra Junqueiro, Emile Faguet, Jean Richepin, Djardin Beaumetz, Santos Dumont, Ramón Aguilera, Santos Chocano...

Só bebe vinho, assim mesmo moderadamente. Seu **hobby** é palestrar, noite adentro, em casa ou na rua. Possui a mágica da palavra. Recita com donaire, enfeitando de gestos mímicos, perfeitos, prosa ou verso. Alheios ou próprios.

Quando moço, no interior cearense, brotam-lhe sentimentos abolicionistas. Republicano no Império. Na República, liberal-democrata mais inclinado para a esquerda. Nacionalista até fechar os olhos à vida. De espírito cristão, todos os movimentos populares o têm na crista, lutando em seu prol. Na imprensa, nos comicios, na tribuna do juri, nos cafés.

Adora a literatura de cordel e a inteligência ambulante dos aedos sertanejos. Também improvisa, no verso e na prosa, pilherias asseadas. Faz trocadilhos e epigramas. Por sua severidade de caráter, encarna um espirito livre. Mas reprime a linguagem escatológica, considerando que tudo deve ser dito com dignidade e compostura.

Despreza a fatuidade, a subserviência, a cabotinice, a felonia, a ingratidão, a politica. Mas se enternece com a música, a pintura, as letras, as crianças e os pássaros.

Assim é Quintino Cunha.

Morre a 1.º de junho de 1943, em Fortaleza, quase aos setenta anos de idade, **com a pobreza e a simplicidade de um místico,** igualzinho ao que disse Eça de Queirós do Padre Antonio Vieira.